

## AUMENTO DE ÍNDICES DA CRIMINALIDADE

Assim como o vento pode afastar as chamas de um vagão, cheio de passageiros, no incêndio de um trem, pode também empurrar brasas de um cigarro para uma mata seca e causar um fogaréu. A cidade de Ourinhos, no estado de São Paulo, tem uma igreja em honra de Nossa Senhora do Vagão Queimado, aludindo a um vento repentino que, não só afastou as chamas num acidente entre um trem e um caminhão de combustível, como preservou uma imagem da Virgem. Por outro lado, constitui-se notícia comum devastações causadas por brasas, cuja origem não pretendia um incêndio. Os especialistas em incêndios explicam que o mais fatal num incêndio é a fumaça desprendida. Ela, além da possível toxicidade, aquece o ar a um nível tão alto que pode queimar as vias respiratórias. Em seguida, desacordadas, principalmente pela falta de oxigênio, as vítimas se deixam queimar pelo fogo.

Enquanto faço a barba diante do espelho, me pergunto mentalmente “Que crimes irei cometer hoje ?” e continuo pensando nisso enquanto penteio os cabelos. Paulo dizia que “só ouve e vê bem quem escuta e olha com o coração”. Assim, não posso me negar quando me observo, olhos nos olhos, diante do espelho. Em silêncio, procuro ouvir o que me diz o coração, com aquela pergunta. Uma oração, que a tia Letícia ensinou-me, vem à lembrança: “Ajuda-nos, Senhor, a não desanimar diante dos problemas da vida”. Oro dessa maneira desde criancinha. E agora, diante do espelho, repito a prece. Tia Letícia (que Deus a tenha), na verdade, foi minha mãe, quando fiquei órfão. Meu pai, que nem conheci, já havia “ido dessa para melhor” há muito tempo, no momento em que minha mãe faleceu. Aliás, às vezes, choro por não me lembrar muito dos poucos anos em que estivemos juntos. Eu tinha quase cinco anos de idade quando isso ocorreu e está num passado que me parece distante.

Abro o baú, só para conferir, e estão lá: uma espingarda 38, uma outra 12 mm, americana, uma pistola 45 e um revólver 22. Às vezes fico imaginando como seria interessante a vida nas cidades se as armas falassem. Uma espingarda poderia confessar, sob tortura, por crise de consciência ou pelas evidências que quem a empunhara fora essa ou aquela pessoa.

Fecho o baú porque o telefone celular toca. É Roberta. Às vezes trabalhamos em dupla, dependendo da situação. Ela diz que o calor de hoje está insuportável e aproveito para convidá-la a acompanhar-me numa cerveja gelada. Sua recusa soa profissionalismo: primeiro as obrigações, diz ela. Desligo e sei que o encontro marcado com ela, muito provavelmente, vai ter outro líquido vertido. Mas o que eu queria agora, de verdade, era uma “cervejinha”. O sangue em cada ser humano é bombeado pelo coração por cerca de 160 mil quilômetros de tubulações que se distribuem por todas as partes do corpo. E o coração bombeia aproximadamente 5 litros de sangue, através de suas cavidades, a cada 60 segundos. E muitas vezes, toda essa energia é gasta à toa. Um desperdício. Quando alguém, agindo em dupla ou sozinho, de arma na mão, inicia a ação de um crime, o coração dispara, aumentando a velocidade de bombeamento do sangue. Seus órgãos, principalmente o cérebro, precisam de mais oxigênio. É preciso ter os reflexos rápidos. É uma questão de sobrevivência. Além disso, a tecnologia disponibiliza, cada vez mais, armas mais fáceis de atingir o objetivo delas. Escolho a 45 para agir hoje. Não é nem simpatia, é definir como enfrentar cada situação de modo mais apropriado. No local combinado encontro Roberta e outra vez aquele tremor, aquele pensamento, que é uma crise, eu sei. Como vou dizer a ela o que estou sentindo ? Preciso de uma oportunidade. Alguém me disse, certa vez, que a palavra crise, em chinês, é formada pela soma dos ideogramas que representam risco e oportunidade. O risco já existe, falta utilizar a oportunidade. A proximidade pode conduzir à intimidade. É uma possibilidade. E agora, com essa situação confusa, tenho medo de dizer que tenho medo.

Uma volta a pé no quarteirão e já estamos diante do prédio. É preciso ser sorrateiro, mas sempre planejando, antes, uma rota de fuga. Afinal, as situações reais têm a possibilidade de reviravoltas. E os contrastes expressam as diferenças mais gritantes. Um condomínio de alto luxo ao lado de uma favela com cerca de 100 vezes mais moradores. Uma lotação lotada ao lado de um carro que equivale a 100 vezes o preço daquela com apenas uma pessoa: a que está ao volante.

Diante do prédio uma placa de fundo amarelo com letras em vermelho: “Psematys Import & Export”. De antemão, sabíamos que haveria um guardião à frente. Fomos pelos fundos. Ali, no dilema de minha mente, duas entradas paralelas abertas. Na pesquisa que havíamos feito, anteriormente, havia somente uma porta. Haviam modificado a construção. Não queria me separar de Roberta. Fosse alguns meses atrás e não vacilaria. Mas agora. Com tudo isso que venho sentindo. Mas não tinha jeito: cada um deveria entrar por uma das portas. Pensei em cancelar a ação, mas achei que era tarde demais. Me encaminhei para a porta da direita enquanto que, automaticamente, Roberta, entrava pela da esquerda. Imaginamos que nos encontraríamos no centro do estabelecimento, após verificarmos a “limpeza de cada ambiente”. Estava achando que era estúpido por admitir a ação, mesmo com a diferença encontrada, e confirmei o sentimento quando deixei cair meus óculos escuros sobre uma placa de metal que estava no chão.

Fiquei uma fração de segundo me maldizendo pelo barulho que provocara, mas o guardião da porta da frente já estava diante de mim, a uns 20 metros de distância, de arma na mão, apontada para mim. Dois tiros foram suficientes para contê-lo. Enquanto disparava ouvi mais um tiro do outro lado da parede que me separava de Roberta. Meu coração palpitava tanto que latejava minha cabeça como nunca havia ocorrido até então. Um crime, em síntese, é um ato ilícito. Tanto mais condenável quanto as consequências desagradáveis que provoca. Naquele instante eu sabia que havia assumido o risco de produzir o desencadeamento dos fatos. Não poderia invocar outra coisa. Aqueles segundos sem ver Roberta, em câmera lenta, me pareceu uma eternidade. E ela surgiu, mas com um homem de terno azul-marinho, muito forte, apontando um 38 para sua cabeça. Particularmente eu achava o velho “três-óitão” fora de moda. Coisa de polícia mal preparada. Ou, melhor dizendo, mal armada. Porém, naquela ocasião, era como se um canhão estivesse apontado para o meu coração. Muitas perguntas sem resposta vieram à minha mente, num turbilhão avassalador. Estaria Roberta ferida? Aquele tiro teria dado “água”? Como seria bom se fosse apenas um jogo de batalha naval. Mas não era. Olhei nos olhos de Roberta e, depois, nos olhos do “fortão”. Se ele desviasse o cano da arma da cabeça de Roberta, nós três sabíamos, seria tempo suficiente para que eu o acertasse. Se eu entregasse a minha arma, Roberta e eu iríamos para o além sem nos despedirmos. Por quê, eu me perguntava, por quê não disse a ela o que sentia? Estávamos num impasse, agora entre a vida e a morte. Mas o sujeito também sabia que se atirasse contra a cabeça de Roberta ele cairia em seguida. Queríamos, ambos, desfechos diferentes. Mais uma vez, lembrei-me da oração que Tia Letícia havia me incutido: “Ajuda-nos, Senhor, a não desanimar diante dos problemas da vida”.

É também considerada crime, qualquer violação grave da lei moral, civil ou religiosa. Desse modo, se entrego a vida de outra pessoa à uma circunstância que conduza à sua morte, sou um criminoso. Assim, se deixo morrer de angústias, por permitir que necessidades básicas de vida sejam inalcançáveis para outrem, também sou um criminoso. E a vida de Roberta estava “nas mãos” de nós quatro. Nas dela, pela possibilidade de um movimento brusco. Nas do sujeito de terno azul-marinho, pela probabilidade de apertar o gatilho. Nas minhas, porque poderia decidir inadvertidamente a questão. Mas mais nas de Deus, para mim, porque eu acredito em milagres.

O homem de terno azul-marinho acreditou que poderia decidir tudo e apertou o gatilho. A arma dele emperrou e o ruído surdo foi seguido de dois tiros sequenciais. Enquanto eu via o rosto de Roberta encher-se de sangue imediatamente, pude admirar seus olhos verdes arregalados. É interessante a diferença de viscosidade entre os líquidos. O mais comum é vermos a água escorrer pela torneira e encher um copo. O sangue escoava bem mais devagar. A engasgada na arma do sujeito de terno azul-marinho fora o suficiente para que ele caísse, empoçando de sangue o contorno de sua cabeça. Enquanto eu verificava a impossibilidade de uma reação do sujeito, amparei a Roberta. Meu lenço branco tingiu-se de vermelho assim que eu procurei limpar aquele rosto de pele pêssego e na proximidade, quando serenava o entorno de seus lábios, beijei-a profundamente, sendo correspondido com toda a intensidade. Talvez, amanhã ou depois, encerremos nossas carreiras na Polícia Federal. Pelo menos nesse tipo de ação. Quando nossos colegas de reforço chegaram com suas viaturas eu já havia, finalmente, declarado o meu amor a ela. Seria um crime não fazê-lo !

**Antonio José Cavalcanti Coelho**